

À MARGEM DA HISTÓRIA, NO CENTRO DAS NARRATIVAS

Análise das práticas leitoras de adolescentes internos em centros de recuperação para menores infratores, no Estado do Rio de Janeiro.

Maria Aparecida S. Ribeiro

Abstract

Story is a basic principle of mind. Most of our experience, our knowledge, and our thinking is organized as stories. The mental scope of story is magnified by projection – one story helps us make sense of another. (M. Turner)

In this text, we analyze the power of this projection, and how it works. Our readers imagine realities and construct meanings in their practices of reading by the same basic mechanisms of the literary. “How and why we project one story onto another” is our question.

Key words: Narrative, reading practice, adolescents.

Refazendo suas lendas, eu despertava neles mil coisas desaparecidas. Certas cantigas de ninar, cujo segredo eu conhecia, produziam um efeito certo. Quando as entoava, eles acreditavam que eu era um deles. (Jules Michelet)

1. MEU NOME É LEGIÃO

Essa foi a enigmática resposta que o Cristo obteve ao indagar a identidade do espírito maligno que afligia certo homem. Da narrativa bíblica subentende-se, por um lado, a diversidade essencial do coletivo demônio que se apossara do corpo do miserável e, por outro, a multivalência demandada ao poder do Messias. Uma vez expulsos do corpo humano e encarnados em porcos, que por ali estavam — continua o relato — os espí-

ritos iníquos precipitaram-se despenhadeiro abaixo, numa opção suicida, de que apenas seres pensantes parecem dispor.

Assim como Roland Barthes, em sua aula inaugural, deixo-me provocar por esse intrigante relato ao apresentar o propósito desta pesquisa: transformar uma comunidade profundamente atípica em meu objeto de investigação sobre leitura e narração.

E não é por acaso que introduzo este texto com a narrativa cristã. Já de início, procuro imprimir-lhe certa feição metadiscursiva, quando tomo como substância de escrita alguns dos mais recorrentes elementos colhidos por ocasião da pesquisa junto a menores infratores, internos em centros de recuperação no Estado do Rio de Janeiro: nas entrevistas realizadas, princípios originários da doutrina cristã convivem pacificamente com mensagens de protesto de bandas representativas do movimento conhecido como BRock (ou Rock Brasil) que eclodiu na segunda metade da década de oitenta, de que a Legião Urbana é exemplo preciso. Toda esta análise, na verdade, é norteada por índices fornecidos pelos próprios adolescentes, ao mesmo tempo sujeitos e objetos de uma prática de leitura. Não é à toa que cultuam as letras de Renato Russo, ainda que, pelas idades, estejam distanciados em mais de quinze anos da época de maior sucesso da banda. São eles mesmos, hoje, e à sua maneira, uma espécie de *legião urbana*. Arregimentados pelo tráfico, constituem um grupo organizado de pequenos soldados a serviço de uma guerra cruenta travada nas ruas das grandes cidades.

São eles, também, o demônio coletivo, a grande massa informe de meninos e meninas sem educação, sem perspectiva, sem futuro e, por isso mesmo, altamente ameaçadores. Agrupá-los sob o termo Legião reitera a diversidade essencial do grupo e a necessidade de estratégias multidirecionais por parte dos poderes constituídos. Na verdade, não constituem um grupo, sendo a heterogeneidade a maior característica da população desses centros. Com idades variantes entre 12 e 18 anos, são oriundos de todas as classes sociais, não têm um perfil definido, não têm uma cara, nem uma cor. Encontrando-os na rua, não se distinguem de outros adolescentes. Nos centros de recuperação, estão misturados e, não sendo iguais, tampouco se diferenciam. O que os une, a princípio, é sua convi-

vência participativa com o mundo do crime. São menores infratores, porque, ainda crianças, cometeram infrações que variam entre roubo de tocafitas a “assassinato com requintes de crueldade”. E nisso encerra-se o elemento de agregação. Fora desse espaço não se conhecem, alguns pertencem mesmo a grupos rivais do narcotráfico. Assim, qualquer investigação de seus hábitos deve necessariamente levar em conta que não se trata de uma turma de alunos, nem de um grupo de colegas, nem de vizinhos de bairro, ou coisa que o valha. Trata-se de pessoas muito jovens, agrupadas aleatoriamente, ociosas durante a maior parte do dia, assustadas, resistentes à aproximação e a qualquer investida, desconfiadas de todos os que os rodeiam e, principalmente, talvez o maior obstáculo a uma pesquisa desta natureza: absolutamente silenciosas.

Esta já extensa apresentação se faz importante, para que se entenda o valor dado a tudo o que foi colhido em entrevistas e encontros de leitura. Foram, ao todo, 15 visitas de 1h 30min a 2h cada, de agosto a dezembro de 1998. Nos encontros, de participação espontânea, quinze adolescentes em média foram, primeiramente, incentivados a falarem de suas preferências com respeito a produtos da cultura, tais como: filmes, música, literatura, programas de televisão, entretenimento em geral. Nos encontros seguintes, alguns desses produtos foram levados até o grupo, a fim de que os participantes trocassem impressões sobre a recepção daqueles objetos. Parte dos encontros foi destinada à promoção do contato dos adolescentes com formas diversas de produções culturais: clássicos da literatura brasileira e universal, contos de fada, contos populares, letras de música, música erudita, filmes, reproduções de pintura, peças teatrais, etc.

Nas semanas iniciais, o tempo de cada encontro foi dividido de modo que a parcela maior fosse ocupada na exploração dos objetos sugeridos pelos adolescentes. Aos poucos, e de acordo com a reação do grupo, o tempo de trabalho com as produções desconhecidas foi aumentando. Assim, todo o planejamento das atividades partia do que fora apontado como interesse e preferência do grupo, já nos primeiros encontros, por ocasião da coleta de dados, e no decorrer do período pelas associações que faziam. Esse procedimento, por um lado, valori-

zava o acervo dos adolescentes, favorecendo uma maior interação do grupo, já que à apreciação dos objetos selecionados se seguia uma troca de idéias sobre o seu conteúdo e suas formas de representação; por outro lado, contribuía para uma disposição mais participativa do grupo no momento em que lidava com as produções que lhes seriam apresentadas como novidade.

Misturando alguns procedimentos já experimentados em projetos desenvolvidos na UERJ, no período de 1996 a 1998, a uma pesquisa teórica sobre leitura, empreendida por ocasião do Mestrado da PUC, essa estratégia de trabalho também lançou mão de uma boa dose de intuição, já que era construída à medida em que o trabalho acontecia e os erros e acertos obrigavam-me, inúmeras vezes, a mudar de direção, começar outra vez, investir em atividades bem-sucedidas, abandonar – ou adiar e reformular – certos procedimentos infrutíferos, em determinada ocasião, e me dispor a ouvir, muito mais que a falar.

Os textos, na maioria das vezes, falavam por si, e, quando isso acontecia, o resultado era sempre mais rico. O diálogo que se estabelecia então, entre texto-leitor(a), leitor(a)-leitor(a), texto apresentado-texto resposta, atendia muito mais à proposta inicial de esboçar perfis de leitores, pelo acompanhamento de seu processo de recepção do texto literário.

Ainda como meta inicial da pesquisa (que, parcialmente atingida no último semestre, desdobra-se em outras questões a serem respondidas durante os meses à frente), impunha-se uma articulação entre os fenômenos observados na recepção do texto e o produto das narrativas que (se) produziam no momento em que os leitores, mobilizados pela experiência de leitura, produziam seus próprios textos, fosse na forma oral, fosse na escrita, através de imagens ou outras manifestações. E era precisamente nesse momento que a investigação teórica encontrava suporte na pesquisa de campo e vice-versa.

Levanto, então, alguns dos pressupostos que me impeliram a adotar um ‘método tortuoso’, à maneira de Walter Benjamin, “que desconfia dos valores médios e se consagra pacientemente à análise do atípico” (Gagnebin, 1994), como julguei ser o caso das práticas leitoras que elegi como campo de pesquisa e matéria de reflexão.

2. A OPÇÃO PELOS DESVIOS

Produzir uma teoria da literatura sob o prisma da recepção de obras literárias tem desencadeado, nas últimas três décadas, experimentações de toda ordem. Seja na intenção de se explorar um novo conceito de historicidade da arte, seja investindo na análise dos usos e práticas dos leitores em busca da configuração de grupos diferenciais de recepção, ou ainda com o propósito de se mapear as transformações por que passa a própria leitura entendida como processo dinâmico e suscetível a influências diversas, uma reflexão sobre o fato literário a partir do pólo da recepção levará necessariamente em conta a vocação multidisciplinar que este tipo de abordagem logo apresenta.

A comunidade de leitores em que pretendia incursionar não poderia ser trabalhada de outro modo. Do cruzamento de leituras dos estudos de Walter Benjamin, Umberto Eco, Roland Barthes, Hans Robert Jauss, entre outros, resulta uma primeira investida em conceitos de *experiência*, *narração*, *literatura e leitura*, considerados em sua potencial articulação e postos a dialogar com as noções que se nos apresentavam por ocasião da pesquisa de campo.

A disposição de, ainda como Benjamin, encarar “aquilo que escapa a classificação e que se torna indício de uma verdade possível da qual a Idéia desenha o contorno enquanto realidade redimida” foi o que norteou os passos da pesquisa. O objetivo geral de meu projeto de tese — discutir conceitos de leitura e recepção do fato estético, numa perspectiva multidisciplinar, através da análise de formas narrativas (ficcionais e ou comunicativas) como elementos do processo de construção de identidades — é redimensionado à proporção que tais formas narrativas passam a incluir o produto da recepção de textos, literários ou não, expressos na forma de relatos, nascidos da interação leitor(a)-texto e estudados segundo seu teor de narratividade.

A decisão de relacionar a produção de narrativas (relatos orais depois registrados na forma de desenhos, cartas, escritos em geral) ao modo de recepção de determinados textos inscreve-se no campo de reflexão benjaminiano, já que a leitura, como objeto de estudo ainda não suficiente-

mente recenseado que é, presta-se a esse ‘método tortuoso’ de interrogações fundadoras.

A leitura, a um tempo objeto e instrumento desta pesquisa, acolhe inferências nascidas em campos de estudo diversos, apresentando-se ora como experiência singularizante de produção de sentido, ora como elemento agregador de comunidades interpretativas, ora como manifestação de fenômenos histórico-sociais, ora como efeito colateral de determinadas circunstâncias de ordem política. Daí, a preferência por um método que dê conta dos desvios, dos saltos com que certos fenômenos emergem de determinada linha teórica e se nos apresentam como novos caminhos de investigação. Rastrear essas emergências no texto teórico, relacionando-as aos fenômenos observados nas pesquisas de campo é o desafio desta pesquisa.

3. EXPERIÊNCIA/LEITURA/NARRAÇÃO

O tema da impossibilidade de compartilhar experiências, como marca de uma era essencialmente técnica, recorrente nos escritos de Benjamin, ramifica-se por diversas linhas de abordagem que, na retomada, ampliam e suplementam a idéia inicial. Mais do que um suporte, tal conceito é um dos pilares sobre os quais se edifica esta proposta. A pobreza em experiências comunicáveis de que padece o ser humano moderno tem seus reflexos em toda a relação deste ser – despersonalizado, anônimo, cuja subjetividade decresce à proporção que se solidifica um modo fragmentário de estar no mundo – com o *em torno*, com o sistema de valores e representações dentro do qual se move.

Se, por um lado, esta pobreza sinaliza o fim das comunidades de memória, palavras e práticas sociais (Gagnebin, 1994), por outro, ela agrega numa ‘coletividade’ toda uma geração de *miseráveis*, empobrecidos não pela escassez, mas pelo excesso de experiências desmoralizantes a que são submetidos, despedidos de toda ilusão e emudecidos, apesar de dominarem, com toda destreza, *a língua inteiramente nova da modernidade* (Gagnebin, 1994).

A incapacidade de contar, ou no dizer de Benjamin, de *intercambiar experiências*, só vem a reforçar, por contraste, o princípio orientador da pesquisa de H. R. Jauss sobre Estética da Recepção, emprestado dos textos de Habermas e Gadamer, a saber, o *fundamento verbal da experiência humana do mundo e, com isso, a comunicação como condição da compreensão do sentido* (Jauss, 1979). Assim, na própria origem de uma teoria literária construída a partir de um mergulho na experiência estética, o contar – leia-se colocar em marcha mecanismos verbais de comunicação – aparece como operação subordinada à experiência, sendo dela fundamento e condição.

Apresentando seu método de análise da experiência do(a) leitor(a) ou da ‘sociedade de leitores’ de um tempo histórico determinado, Jauss sinaliza a necessidade de diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor(a), assim distribuídos: “... o *efeito*, como o momento condicionado pelo texto, e a *recepção*, como o momento condicionado pelo destinatário, para a concretização do sentido como duplo horizonte – o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial, trazido pelo leitor de uma determinada sociedade” (Jauss, 1979). Assim, o horizonte duplo do texto de Jauss apresenta, pelo menos, duas faces da experiência demandada ao narrar.

Se Benjamin relaciona o declínio da experiência (e, neste caso, da experiência comunicável de um(a) narrador(a) por ela autorizado(a)) ao fim da narração tradicional, Jauss vai mais fundo nesta relação quando soma a experiência de um(a) leitor(a), aqui chamada horizonte mundivivencial, às experiências contidas e/ou realizadas na estrutura do texto.

À complexa rede de tensões geradas no momento da criação literária, em que autor(a)/texto/narrador(a) sobrepõem forças e experimentam conciliações no corpo da obra, vêm afluir outras forças e tensões provenientes do espaço da recepção e, ainda segundo Jauss, “isso é necessário a fim de discernir como a expectativa e a experiência se encadeiam e para saber se, nisso, se produz um momento de nova significação.”

O sentido de ‘experiência’ é, então, ampliado de modo a contemplar o duplo horizonte de que dá conta Jauss, no qual, no mínimo, dois sujeitos colocam seus valores e referências a serviço da produção/recepção de narrativas. Ainda citando Benjamin, quando considera *as criações de*

Kafka ... pela própria natureza parábolas (Benjamin, 1994), o teor de transmissibilidade da obra em questão qualifica a narração como veículo de um inescapável aconselhamento, fundado, a princípio, sobre o mecanismo da projeção (Turner, 1996) acionado pela história.

Deste raciocínio sobre as relações essenciais entre o narrar e o aconselhar, e, por extensão, o receber conselhos formatados em narrativas, depreendemos a ação efetiva de um(a) leitor(a), que, não apenas recebe passivamente, mas participa da conversão do narrado em conselho, com todas as dúvidas e inquietações que este processo desencadeia: “O conselho só pode ser, portanto, dado se uma história consegue ser dita, colocada em palavras, e isso não de maneira definitiva ou exaustiva, mas, pelo contrário, com as hesitações, as tentativas, as angústias de uma história ‘que se desenvolve agora’” (Gagnebin, 1994).

É com acerto que Gagnebin associa a definição benjaminiana de conselho às experiências estéticas de ‘obras abertas’, desenvolvidas por Umberto Eco. À premissa de Eco, de que todo texto é uma máquina preguiçosa que pede ao(à) leitor(a) que faça parte de seu trabalho e preencha toda uma série de lacunas (Eco, 1994), corresponde a capacidade de reinvenção da narrativa demandada ao(à) leitor(a) de parábolas como as de Kafka. Os vários desenvolvimentos possíveis, as várias seqüências diferentes são como que lacunas a serem preenchidas, por este(a) leitor(a) que mais que receptor(a), é co-autor(a) e elaborador(a) de seu próprio conselho.

O ensaio de Benjamin — *Experiência e pobreza* — fornece algumas pistas para o alcance de uma dimensão utilitária da narrativa. Benjamin introduz seu texto tomando emprestadas da parábola as propriedades de síntese, durabilidade e conteúdo implícito. Sobre a estratégia de Benjamin, ao condensar o conteúdo de sua argumentação no relato sucinto da parábola, antecipando algumas questões na forma alegórica do conto popular, muito poderia ser dito, já que o ensaio realiza na própria apresentação aquilo que defende como modelo de intercâmbio/narração de experiência.

Este foi, sem dúvida, o ponto que mais nos chamou a atenção nesse primeiro estágio de pesquisa, a saber, a tendência dos leitores em questão, ainda que diante de textos aparentemente descomprometidos de outra função que não o puro entretenimento, de produzirem, a partir de uma

prática de projeção, o aconselhamento, remetendo sem o saberem às propriedades ancestrais da chamada ‘narrativa tradicional’, onde ouvir histórias equivalia a aprender, a aceitar como fidedigno o testemunho do outro, a acolher a experiência do mais velho.

Benjamin fala de um modo de “contar histórias como elas devem ser contadas”. Nostalgicamente remete ao exercício, pela palavra, da autoridade de uma geração sobre a outra. Evoca o agrupamento de indivíduos em torno de uma voz que os agrega e aquece as relações. Contar histórias é, pois, legar ao outro o tesouro anteriormente recebido, é não interromper o fluxo da palavra, é educar, moralizar a geração que fica, segundo a moral da geração que se foi e, assim, tomar parte da corrente histórica, ainda que essa moralização parta do(a) próprio(a) receptor(a) das narrativas.

Se “lidar com a juventude” envolve um exercício de “autoridade da velhice” e se “experiências desmoralizadoras” da modernidade resultam numa forma de miséria que afeta todas as relações entre a sociedade e seu sistema de valores, então, talvez, esteja exatamente neste intercâmbio de experiências moralizadas/moralizantes um modo de, pela narrativa, reconciliar uma geração emudecida com o som da própria voz, devolvendo aos elementos de uma informe legião a subjetividade pela narrativa singularizante, para que, através da posse de seus próprios corpos e de suas próprias palavras, exorcizem os conflitos e dramas de que são feitas suas próprias histórias.

Uma vez definido o espaço teórico por entre o qual a pesquisa transita, cabe acrescentar as estratégias utilizadas na abordagem do objeto, informando ainda que os dados coletados nos encontros de leitura estão sendo analisados segundo associações e inferências produzidas a partir da tematização dos conceitos teóricos eleitos.

4. O COTIDIANO DE LEITURA

No primeiro encontro, reunidos no refeitório, os adolescentes escutam músicas compostas por Mark Knopfler para a trilha sonora do filme *The bride princess* (essa referência não é dada no primeiro

momento). As músicas são instrumentais e, depois de as ouvirem, eles falam sobre as imagens mentais que formaram a partir desse estímulo. A maioria menciona bosques, florestas, castelos e lutas de espada. Depois que tomam conhecimento da origem das músicas são incentivados a desenhar ou escrever as cenas que lhes vêm à mente, enquanto novamente (e agora já sugestionados pelas colocações do grupo) ouvem as faixas. Alguns desenham imagens que, aparentemente, nada têm a ver com o tema proposto: armas modernas e figuras que, segundo eles, eram símbolos do Comando Vermelho. Um dos adolescentes enrolou o papel e apertou as pontas, como um grande cigarro, provocando risos e comentários dos colegas, que o associaram a um enorme cigarro de maconha. Achem engraçado quando eu disse que aquilo poderia ser também uma ‘varinha de condão’ (já que alguém mencionara a palavra ‘fada’) e que as duas coisas “tinham algo em comum”.

Na segunda semana, foi narrado um conto de fadas. Como estratégia para provocar a interação direta com a história, o final foi deixado em suspenso. Os adolescentes propuseram suas versões. A atividade mobilizou todos os que estavam presentes.

No terceiro encontro, o grupo escuta a faixa *O romance de Clara Menina com D. Carlos de Alencar*, recriação musical de Antonio Nóbrega de um conto popular (CD *Na Pancada do Ganzá*, São Paulo: Brincante, 1997). Parecem muito divertidos, principalmente com a interpretação do artista que carrega no sotaque à maneira dos repentistas nordestinos e diferencia caricaturalmente as vozes dos personagens. Depois, fazem questão de comentar o conteúdo da letra. E são unânimes em julgar merecido o castigo do personagem delator, já que, segundo suas palavras, “x-9 tem mesmo que morrer”.

No quarto encontro, por sugestão do grupo, levei músicas da banda *Legião Urbana*, uma das preferências apontadas nas entrevistas preliminares. Foi escolhida a música *Metal contra as nuvens (Legião Urbana V)*, por conter elementos de contos de fadas e romances de cavalaria, tema que pretendia desenvolver com o grupo.

Os meninos ouviram a música, acompanhando o texto escrito. Pediram que repetisse e, da segunda vez, acompanharam cantando. Depois, todos, sem exceção, quiseram comentar o conteúdo da letra. Alguns ex-

perimentaram interpretações muito pessoais, usando a própria vida como referência.

No quinto encontro, houve a exibição do filme *Coração Valente* (Mel Gibson, 1995). Devido à longa duração do filme (3h), a discussão ficou para a semana seguinte.

No sexto encontro, por sugestão do grupo, algumas cenas foram novamente exibidas e os adolescentes puderam expressar suas impressões sobre o conteúdo exibido. A discussão foi bastante rica e muitos fizeram associações/projeções sobre as idéias veiculadas pelo filme.

No sétimo encontro, houve a exibição do filme *Hamlet* (Franco Zeffirelli, 1983). Devido ao fato de a versão cinematográfica apresentar diálogos extensos quase que exatamente iguais aos da peça, bem como uma grande quantidade de monólogos, foi usada a seguinte estratégia:

- Narração da sinopse da história.
- Comentários sobre o contexto sócio-histórico.
- Resumo das cenas da montagem cinematográfica.
- Exibição do filme, com pausas para comentários e explicações.

Assim como na atividade com o filme *Coração Valente*, foi solicitada uma outra exibição – recortada – do filme, para que o grupo, revendo as cenas, tecesse comentários.

No oitavo encontro, houve a discussão sobre o filme *Hamlet*, com a exibição das cenas previamente selecionadas e outras sugeridas, na ocasião, pelo grupo. A atividade rendeu significativamente.

Avisei que a pesquisa encerrava-se então. Mas que, muito provavelmente, eu retornaria em março para dar continuidade e com um projeto maior. O grupo se dispersou. E quatro meninos (G., E., L. e M.) pediram que eu aparecesse antes de março, mesmo sem pesquisa, “só para conversar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gagnebin, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Jauss, H. R. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Turner, M. *The literary mind*. Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1996.

Eco, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.